

## Le Breton, sentidos, cotidiano escolar e *Saveurs de l'école*

Vicente de Paulo Morais Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa teve como objetivo estabelecer a relação entre sentir os sentidos e sabores do mundo de David Le Breton (2016), o cotidiano e a cultura escolar. Constatou-se que a cultura escolar será preponderante para determinar se os sentidos serão vivenciados na escola como meros conteúdos escolares ou como saberes do mundo.

**Palavras Chave:** Le Breton; Cotidiano Escolar; Cultura Escolar; Sentidos; Sentimentos; Sabores da escola.

**Abstract:** This article intends to suggest an approach for school culture based on the work of Le Breton - a cultural account of perception, which returns the body and the senses to the center of social life.

**Keywords:** Daily school; School culture; Senses; Feelings; Flavors of the school.

### Introdução<sup>2</sup>

O cotidiano escolar é, de fato, uma “caixa preta”? De que forma podemos discutir os sentidos do corpo humano para além do formato de conteúdos escolares? Sabores do mundo? Cultura escolar?

Indagações que permeiam discussões que envolvem a educação, porém Wathelet (2010) e Fernandes (2010) destacam a escassez de trabalhos que abordam, de forma precisa e esclarecedora, seja o cotidiano escolar, seja os sentidos do corpo humano para além dos conteúdos escolares.

Em relação ao cotidiano escolar, Azanha destaca que a pesquisa e análise deste “só será possível por meio de um amplo conjunto de investigações (multi e interdisciplinares) capazes de cobrir o amplo espectro das manifestações culturais que ocorrem no ambiente escolar” (1990-91, p.66). Em se tratando de sentidos e sentimentos, registra que “o homem existe no mundo objectivo não somente no acto de pensar mas também pelos seus sentidos” (MARX apud VINIT, 2006, p.231).

Assim, buscou-se conectar e inter-relacionar abordagens que permitem a transposição dos ensinamentos de Le Breton e sua obra “Antropologia dos Sentidos”(2016) com abordagens que dizem respeito ao cotidiano escolar (AZANHA, 1990-91; CANDAU, 2011; FERNANDES, 2010; MORAIS JUNIOR, 2015).

Optou-se por delimitar as discussões, assim, não contemplando todas as possibilidades que a obra de Le Breton (2016) pode proporcionar, indo desde aspectos culturais das vivências e experiências apresentadas até a questão biológica/fisiológica dos cinco sentidos do corpo humano. A discussão que segue, tem como escopo um recorte que articulará o sentir os sentidos e sua respectiva inter-relação, além da interferência do aspecto cultural na percepção dos sentidos no cotidiano escolar.

---

<sup>1</sup> Vicente de Paulo Morais Junior é Doutorando em Educação na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Mestre em Educação pela mesma Universidade. Atualmente exerce a função de Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico na Diretoria de Ensino de São José dos Campos. Contato: [vicentemjunior@hotmail.com](mailto:vicentemjunior@hotmail.com)

<sup>2</sup> A inspiração para este artigo deu-se ao longo da disciplina “A materialidade vivida dos sentidos e a educação”, ministrada no PPGE da Umesp pelo Prof. Dr. Rui Josgrillberg, a quem quero registrar o agradecimento pelas tão sugestivas aulas.

## Le Breton e *une anthropologie des sens*

O francês David Le Breton é antropólogo, sociólogo e psicólogo e atualmente ministra aulas como professor de sociologia na Universidade de Estrasburgo (França), além de ser pesquisador do Laboratório de Cultura e Sociedade na mesma universidade. Em suas publicações, o autor enfatiza a relação do corpo com a sociedade, com amplas e precisas discussões que abrangem a dor, a paixão, as identidades, as marcas corporais e os sentidos. Dentre a série de obras publicadas, destaca-se “Corpo e Sociedade” (*Corps et société*, 1985), “Antropologia do corpo e da modernidade” (*Anthropologie du corps et modernité*, 1990), “Adeus ao corpo” (*L'Adieu au corps*, 1999), “A sociologia do corpo” (*La Sociologie du corps*, 2002), “Adolescência em risco” (*L'Adolescence à risque*, 2002) e “Antropologia dos sentidos” (*La Saveur du monde. Une anthropologie des sens*, 2006).

Na obra “Antropologia dos sentidos”, Le Breton apresenta uma viagem através de diferentes mundos, que cruzam o globo ao longo do tempo, pinçando cirurgicamente, relatos e experiências que exploram os sentidos. O livro está devidamente “(...) organizado em nove capítulos, sucessivamente, com as cinco zonas sensoriais clássicas.” (WATHELET, 2010, p.134). Importante destacar que a obra não se restringe a descrições dos sentidos combinadas a relatos. Ela permite uma profunda e múltipla reflexão antropológica, ética e política.

Entre o ver e saber, o ouvir e ouvir-se, passando pelo tato ou o sentido do contato, e finalizando com o cheirar e cheirar-se e o paladar do/para o mundo<sup>3</sup> Le Breton aponta que ao experimentar o mundo, automaticamente temos um vai e vem de sensações das coisas e sensações em si. Assim, o indivíduo só tomará consciência de si através do sentir, experimentando a sua existência pelas ressonâncias sensoriais. Não nos restam dúvidas: “Sinto, logo existo” (LE BRETON, 2016, p.11). O elo entre o ser humano e os sentidos são as sensações. Merleau-Ponty acrescenta mais uma peça a esse quebra cabeça definindo sensações como a maneira pela qual sou afetado e a experiência de um estado de mim mesmo (1999, p.23).

Antes de estabelecermos conexão do “sinto, logo existo” com as demais discussões da obra, convém destacar as possibilidades de uso do termo sentido. Dentre as possibilidades de uso do termo<sup>4</sup>, destaca-se o sentido como “faculdade de perceber uma modalidade específica de sensações, que correspondem a órgãos determinados [são cinco os sentidos: tato, visão, audição, paladar e olfato. ]” ou ainda a “faculdade de sentir ou perceber (...)”. O sentido assim aqui empregado, está vinculado aos sentidos do corpo humano, supramencionados, ampliando-se ao sentir o sentido através de sensações.

Para Le Breton, os sentidos são produtores dos próprios sentidos. São retroalimentadores (LE BRETON, 2016, p.12). Assim, Wathelet frisa o caráter plurisensorial diário dos sentidos<sup>5</sup> (2010, p.136) que, retroalimentador, irá regular a relação do ser humano com mundo a partir de percepções sensoriais, entrelaçada aos significados. Porém, essa relação ser humano/mundo e seus significados têm um fator preponderante: a questão cultural. A princípio observa-se que

A antropologia dos sentidos procura assim determinar como a estruturação da experiência sensorial varia de uma cultura a outra de acordo com a combinação de significado e importância relativa ligada a cada um dos sentidos. (VINIT, 2006, p.231)

<sup>3</sup> Títulos e subtítulos utilizados nos capítulos da obra (LE BRETON, 2016, p.7-8).

<sup>4</sup> O Houaiss (2009) apresenta 21 (vinte e uma) possibilidades de uso do termo “sentido”.

<sup>5</sup> “(...) à savoir rendre compte du caractère plurisensoriel de notre être au monde” (WATHELET, 2010, p.136).

A citação ratifica a abordagem de Le Breton quando este afirma que apenas o esquimó sente diferentes tonalidades específicas do branco do gelo; ou que só o caçador ouve o animal roçar os ramos das árvores, para além do aparente silêncio absoluto; que somente indivíduos privados da existência das mãos conseguem ter a mesma sensibilidade destas (ausentes) com os pés; ou a diferença em sentir de forma diferente o mesmo odor exalado pelo cozimento de um antílope na tribo *Waanzi*: homens sentem aroma requintado, mulheres sentem odor nauseabundo; e a diferença no reconhecimento quantitativo de sabores entre os *Desanas* da Amazônia Colombiana que reconhecem cinco sabores e os *Thais* que reconhecem oito sabores<sup>6</sup>.

Desta forma: “A percepção não aparece mais como um dado, mas como o resultado de uma interpretação alimentada por toda a história individual e cultural da pessoa.” (VINIT, 2006, p.231)

Portanto, o questionamento correto não é se nós percebemos verdadeiramente um mundo, mas sim: “o mundo é aquilo que nós percebemos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.13-4), amparado então por “culturas sensíveis” (WATHELET, 2010, p.137).

A todo momento o ser humano interpreta e reinterpreta, seja de forma individual ou coletiva, seu entorno, interiorizando assim diferentes e específicas configurações de sentir os sentidos e fazer uso deles, imergindo-se em percepções singulares. Assim

Uma cultura determina um campo de possibilidades do visível e do invisível, do tátil e do intocável, do olfativo e do inodoro, do saber e da sabedoria, do límpido e do nebuloso etc. Ela desenha um universo sensorial particular, os mundos sensíveis não se recortando mais porque são igualmente mundos de significações e de valores. Cada sociedade elabora assim um “modelo sensorial” (LE BRETON, 2016, p.17)

O autor ainda destaca que os homens vivem em diferentes universos sensoriais (2007, p. 45). E para Le Breton é essencial

enfatizar a importância da dimensão cultural na estruturação sensível do mundo e, com mais razão ainda, a presença justificada de uma visão fenomenológica sobre o tocar, o gosto e os odores, na caixa de ferramentas metodológicas do pesquisador. (WATHELET, 2010, p.134)

Ao enquadrar a importância da dimensão cultural na estruturação sensível do mundo a partir da perspectiva fenomenológica, podemos ampliar a abordagem, transportando a ideia para além da fenomenologia como “simples” estudo ou a ciência do fenômeno, conectando então sentidos e a estrutura sensível do mundo a proposta de fenomenologia de Merleau-Ponty como estudo das essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo, sob a interferência direta do espaço, do tempo, do mundo vivido (1999, p.1). Os sentidos, sensações e o mundo sensível são descritos, não explicados, tampouco analisados.

### **Cotidiano e cultura escolar**

O dia a dia na escola é mágico, instigante, inexorável e veloz. Mágico, pois fascina, seduz; instigante, pois estimula, provoca; inexorável, pois é permanente, diário. Veloz, pois se movimenta em alta velocidade.

---

<sup>6</sup> Os exemplos mencionados estão devidamente descritos na seguinte paginação: Visão, p.97; Audição, p.133; Tato, p.217; Olfato, p.303; Paladar, p.397 (LE BRETON, 2016).

A escola e a sala de aula têm a sua força. A força e solidez da sala de aula é tamanha que Azanha ousa mencionar que “(...) é no interior das salas de aula que se decide o destino de políticas e reformas educacionais”<sup>7</sup> (1990-91, p.69).

Iniciemos o caminho para “sentir” o dia a dia da escola conceituando práticas escolares, cotidiano escolar e cultura escolar.

Para Azanha as práticas escolares configuram-se como as mentalidades, conflitos, discursos, procedimentos, hábitos, atitudes, regulamentações, “resultados escolares”, etc (1990-91, p.67). Nota-se que ao definir práticas escolares o autor evidencia possíveis ações que são realizadas na escola.

Essas possíveis ações serão vivenciadas por atores. Considera-se aqui “ator” não como aquele que encena, mas sim aquele que tem papel ativo em algum acontecimento.

Em Dissertação de Mestrado, apontamos que “considera-se ‘atores da educação’ todos aqueles diretamente ligados ou interligados: alunos, professores, gestores, pais/responsáveis” (MORAIS JUNIOR 2015, p.112). Em obra posterior, porém, evidenciamos que as políticas públicas têm direta responsabilização no fracasso escolar. Desta forma, idealizadores, legisladores e assistentes técnico/administrativos também atuam na educação (2016, p.38).

Além disso, as pesquisas supracitadas, deixam de fora outros profissionais que atuam na escola como auxiliares administrativos, secretários, auxiliares de limpeza/organização, cozinheiros e ajudantes de cozinha. Observa-se ainda que estes últimos têm diferentes responsabilidades em relação aos demais profissionais já citados, porém detêm mesmo nível de importância para o dia a dia da escola.

Ao combinarmos a abordagem inicial conectada a novas pesquisas, ampliando então, o olhar sobre a categorização daqueles que atuam com a educação temos como atores da escola: alunos, professores, gestores, pais/responsáveis, auxiliares administrativos, secretários, auxiliares de limpeza/organização, cozinheiros e ajudantes de cozinha. Já os atores da educação correspondem aos atores da escola, acrescidos de idealizadores e legisladores de políticas públicas educacionais e assistentes técnicos/administrativos das redes de ensino.

As práticas escolares e os atores da escola atuam em um determinado espaço físico que podemos denominar de ambiente escolar. Faz-se uso do termo ambiente como tudo o que rodeia ou envolve por todos os lados, combinado a um conjunto de condições materiais. Assim, o ambiente escolar, configura-se como o prédio, as instalações e o mobiliário da escola.

A magia, a velocidade, a instigação e a inexorabilidade das práticas escolares vivenciadas pelos atores da escola em um ambiente escolar, nos revela o cotidiano escolar. A partir desta fusão, o cotidiano escolar ainda se mostra múltiplo por ter grande vigor, animação e, acima de tudo, exuberância e complexo, pois é passível de ser encarado ou apreciado, sob diversos ângulos.

Não nos restam dúvidas de que o movimento proporcionado pelo cotidiano escolar promoverá um jogo complexo de relações sociais. A complexidade das relações sociais intrincada ao cotidiano escolar, naturalmente, comprovará a diversidade<sup>8</sup> desse movimento.

---

<sup>7</sup> O autor faz essa afirmação em meio a uma discussão que envolve vida escolar, políticas e reformas educacionais (AZANHA, 1990-91, p. 68-9).

<sup>8</sup> Os autores pesquisados utilizam o termo “diferenças” no cotidiano escolar. Optou-se em substituir o termo diferença para diversidade já que este último faz alusão direta ao que é múltiplo e variado, não estabelecendo assim cisões que o termo diferença pode representar.

Nesse momento das discussões, podemos incluir mais um fator nessa equação: a cultura escolar. A fim de solidificar essa inclusão, otimizando a equação mencionada, observa-se que

Hoje em dia cultura faz parte do vocabulário básico das ciências humanas e sociais. O seu emprego distingue-se em relação ao senso comum no sentido que este dá às noções de homem culto e inculto. Assim como todos os homens em princípio interagem socialmente, **participam sempre de um conjunto de crenças, valores, visões de mundo, redes de significado que definem a própria natureza humana.** Por outro lado, **cultura é um conceito que só existe a partir da constatação da diferença entre nós e os outros.** (VELHO apud CANDAU, 2011, p.245) [grifos nossos]

A partir da citação acima, inicialmente observa-se a possibilidade de relacionar diversidade e cultura. Igualmente, nota-se ainda que “cultura” irá abranger crenças, valores, visões de mundo, redes de significado. Para tanto, Azanha (1990-91) menciona que a escola possui uma cultura específica. Conforme Fernandes, a cultura escolar, então, se materializará nas rotinas, nos ritmos e ritos, na linguagem, no imaginário, nos modos de regulação ou transgressão das práticas escolares (2010, p.889). Gimeno Sacristán acrescentará à cultura escolar hábitos, crenças e valores (apud FERNANDES, 2010, p.888). Vale ainda destacar, que os elementos da cultura escolar, estão inseridos em contextos e processos sócio-históricos específicos da escola e do seu entorno.

Desse modo, conceituaremos cultura escolar como o conjunto de rotinas e hábitos, ritos, linguagens, imaginários, crenças e valores, além dos modos de regulação executadas e vivenciadas no cotidiano escolar.

### **Sentir os sentidos no cotidiano escolar**

Le Breton afirma que “um mundo sem outrem é um mundo sem vínculo, fadado ao não sentido” (2016, p.32). A escola e seu cotidiano escolar é um mundo no qual se estabelecem vínculos com o outro. Acrescenta-se ainda a diversidade dos atores da escola, transformando esse espaço em um emaranhado de diferentes vínculos com e entre os atores da escola. Logo, a escola e seu cotidiano é solo fértil para manifestação dos sentidos.

Em contrapartida, observado o aspecto sócio-histórico da escola, Candau nos alerta ao mencionar que

No caso da educação, promove-se uma política de universalização da escolarização. Todos e todas são chamados a participar do sistema escolar, mas sem que se coloque em questão o caráter monocultural presente na sua dinâmica, tanto no que se refere aos conteúdos do currículo, quanto às relações entre os diferentes atores, às estratégias utilizadas nas salas de aula, aos valores privilegiados etc. (CANDAU, 2011, p.246)

O cotidiano escolar ainda guarda marcas e traços evidentes de uma lógica da homogeneização e da uniformização na cultura escolar. Aqui, a cultura escolar, com suas rotinas e hábitos, irá, face à infinidade das sensações possíveis a todo instante,

estabelecer “seleções”, como peneiração de significações, de valores, propiciando para cada indivíduo orientações existenciais no mundo direcionadas (LE BRETON, 2016, p.14). Logo, a cultura escolar, peneirando a percepção dos sentidos, diminuindo cada vez mais a malha da peneira, conseguirá observar os sentidos apenas como conteúdo escolar nas disciplinas de Ciências ou Biologia.

Nesse dualismo, entre sentidos como conteúdos escolares e sentir os sentidos, Le Breton contribui para a discussão destacando que

Os sentidos não são “janelas” sobre o mundo, “espelho” oferecidos aos registros da cosias em total indiferença com as culturas ou as sensibilidades; eles são filtros que só retêm em sua peneira o que o indivíduo aprendeu a colocar nela, ou o que ele justamente busca identificar mobilizando seus recursos. (2016, p.15)

Como conteúdo escolar, os sentidos transformam-se apenas em janelas ou espelhos. É preciso ampliar a abordagem dos sentidos, onde estes possam ser vivenciados, não apenas como conteúdos escolares, mas sim, como filtros. Porém, Le Breton alerta que o indivíduo, transmutado para essa pesquisa como atores da escola, só poderá utilizar-se destes filtros se criadas as devidas possibilidades. A diferença que se estabelece entre os sentidos como conteúdos escolares e o sentir os sentidos, é que como conteúdos escolares os sentidos estão fragmentados, são estanques. Momento para olfato; momento para tato, e assim por diante. Já para o sentir os sentidos, não seria

possível isolar os sentidos para examiná-los um após outro senão através de uma operação de desmantelamento do sabor do mundo. Os sentidos estão sempre presentes em sua totalidade. (...) O mundo não se oferece senão através da conjugação dos sentidos; isolar um ou outro sentido significa de fato **fazer geometria**, e não falar da vida corrente. (...) As percepções não são uma soma de informações aos órgãos dos sentidos rigidamente fechados em suas fronteiras. Não existe aparelho olfativo, visual, auditivo, tátil ou gustativo prodigando separadamente seus dados, mas uma **convergência entre os sentidos**, um emaranhado solicitando uma ação comum. (LE BRETON, 2016, p.59) [grifos nossos]

Sentidos como conteúdos escolares, sinônimo de geometria. Já sentir os sentidos como convergência entre os sentidos. O cotidiano escolar não conseguirá inibir o sentir dos sentidos, até porque, conforme Le Breton os sentidos não estão contidos nas coisas como um tesouro escondido, mas sim, presentes nos indivíduos e nas relações sociais (2016, p.29). Porém, a cultura escolar conseguirá identificar as possibilidades de potencializar a percepção dos sentidos e incluí-las na cultura escolar.

Para além dos conteúdos escolares, o cotidiano como “é um mundo de significados e de valores, um mundo de convivência e de comunicação entre os homens em presença e o seu meio. O resto escapa à percepção” (LE BRETON, 2007, p. 45).

A escola recebe, através de seus atores, diferentes culturas. Essa diversidade revela uma tessitura cultural permanente e mutável. Permanente, pois é constante e diária. Mutável pois, diariamente, o cotidiano escolar sofrerá doses de influência da diversidade proporcionada por seus respectivos atores. Candau complementará mencionando que as culturas (e aqui incluímos a cultura escolar) estão em contínuo processo de construção, desestabilização e reconstrução (2011, p.247).

O cotidiano escolar, preenchido pela diversidade, tecendo relações, é abraçado pela cultura escolar que irá impor suas rotinas e hábitos, ritos, linguagens, imaginários, crenças e valores, além dos modos de regulação, pois conforme Le Breton “na mesma comunidade, eles variam de um indivíduo para outro, mas eles praticamente concordam sobre o essencial” (2007, p. 48).

### ***Saveurs de l'école* (Sabores da escola)**

Le Breton faz uso da expressão “Sabor do mundo”. Como ao longo deste artigo procurou-se conectar sentir os sentidos e cotidiano e cultura escolar, é de fundamental importância registrar que as percepções do mundo sensível (aqui acrescentamos o cotidiano escolar) oferecem inesgotáveis possibilidades de sabores. Em relação ao termo sabores, dos ensinamentos de Le Breton extraiu-se a salutar explicação

O sentido do sabor é um qualificado do prazer de viver. Degustamos a existência ou um prazer físico, o saboreamos, ou, ao inverso, julgamos a vida sem graça, sem sabor, insípida. Corrompemos um condicionamento assim como podemos arruinar uma situação promissora. Corremos então o risco de fazer-nos temperar. Degustamos a beleza de uma paisagem como o sabor de um manjar. Apimentamos uma ação como um prato cujo sabor convém ser realçado. Colocamos uma pitada de sal num acontecimento para realçar-lhe o sabor. Uma história é picante, salgada, apimentada, condimentada, crua, etc. Um prazer acre, uma pena marga, uma brincadeira de gosto duvidoso, conversas ou cores mordazes, azedar-se com o clima, um negócio avinagrado, uma beleza cáustica, um caráter acerbo. (2016, p.439-40)

Portanto, o mundo que nos rodeia nada mais é do que o mundo que percebemos, o mundo que sentimos (MERLEAU-PONTY, 1999, p.13-4). Le Breton, ainda complementarmente ao mencionar que “nossas experiências sensoriais são os afluentes que deságuam neste mesmo rio, nesta sensibilidade de um indivíduo singular jamais em repouso, sempre solicitado pela incandescência do mundo circundante” (LE BRETON, 2016, p.60).

No cotidiano escolar, os sentidos se revezam, se misturam, em uma experiência que envolve os atores da escola, dando consistência e forma a cultura escolar. São os sabores da escola!

O som da sirene que simboliza o fim de mais uma aula; o primeiro olhar na nota da prova; o cheiro do professor fumante, o abraço do melhor amigo na volta das férias; o gosto do bombom recebido pela professora, a troca de olhares com a menina/o que namoras (mas só você sabe!); a palma da mão suada misturada ao pó de giz quando se resolve o exercício no quadro; o cheiro do perfume da professora; o tempero da merenda escolar; o som do “parabéns para você” no dia do aniversário de um colega de classe. Aqui, convertamos o “Sabores do mundo” (*La saveur du monde*) para “*saveurs de l'école*” (Sabores da escola).

### **Considerações finais**

Ao entrelaçarmos o sentir os sentidos e cotidiano escolar, buscou-se evidenciar que um sabor, um som, uma paisagem, uma visão, um perfume, um contato corporal são vivenciados no dia a dia da escola de forma múltipla e contínua.

Foi possível ainda, estabelecer conexão com a fenomenologia, pois, conforme Alves é, fundamental analisarmos e pesquisarmos “as escolas em sua realidade, como elas são, sem julgamentos a priori de valor e, principalmente, buscando a compreensão de que o que nela se faz e se cria” (ALVES, 2003, p. 65). Ao conceituarmos atores da educação e da escola, cotidiano escolar e cultura escolar, houve a possibilidade de preparar terreno para discussões que inseriram o sentir os sentidos no dia a dia da escola.

Constatou-se ainda, que a cultura escolar, tem papel preponderante na forma como os sentidos serão percebidos: como geometria ou como convergência de sentidos!

A diversidade que dá forma aos atores da escola, transforma o ambiente escolar em um espaço de múltiplos sentidos, logo espaço de muitos sabores: os sabores da escola.

### **Referências**

ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. Revista Brasileira de Educação, n.23, p.62-74, Maio/Jun/Jul/Ago, 2003.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, p.240-255, Jul/Dez 2011.

FERNANDES, Claudia de Oliveira. **A necessária superação da dicotomia no debate séries-ciclos na escola obrigatória**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.40, n.141, p.881-894, set./dez. 2010.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. **Houaiss eletrônico**: versão monousuário 3.0. Ed. Objetiva: jun. 2009. CD-ROM.

LE BRETON, David. **Pour une anthropologie des sens**. VST - Vie sociale et traitements , v.4, n.96, p. 45-53, 2007.

\_\_\_\_\_. **Antropologia dos sentidos**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016. 546 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662 p.

MORAIS JUNIOR, Vicente de Paulo. **De uma crise a outra, de um darwinismo a outro: a implantação da progressão continuada no estado de São Paulo**. 2015. 209p. Dissertação (Mestrado em Educação) -Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

\_\_\_\_\_. **Um diálogo entre políticas públicas e fracasso escolar**. Conventit Internacional, n.22, p. 33-40, set./dez.,2016.

OLIVIER, Wathelet. **La Saveur du monde**. Une anthropologie des sens de David Le Breton. Labyrinthe, v.3, n.25, p. 133-137, 2006.

VINIT, Florence. **Comptes Rendus**: David Le Breton, La saveur du monde. Une anthropologie des sens (2006). Anthropologie et Sociétés/Université Laval, v. 30, n.3, p. 231-232, 2006.

Recebido para publicação em 30-06-17; aceito em 11-07-17